

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTE-ESTREIAS  
18 de setembro de 2024

## GRAND TOUR / 2024

um filme de Miguel Gomes

**Realização:** Miguel Gomes / **Argumento:** Mariana Ricardo, Telmo Churro, Maureen Fazendeiro, Miguel Gomes / **Direcção de Fotografia:** Rui Poças AIP ABC, Sayombhu Mukdeeprom, Guo Liang / **Assistência à Realização:** Patrick Mendes / **Montagem:** Telmo Churro / **Som:** Vasco Pimentel, Li Kelan / **Design de produção:** Thales Junqueira, Marcos Pedroso / **Cenografia:** Babi Targino / **Design de Som e Mistura:** Miguel Martins / **Cor:** Yov Moor / **Produtora:** Filipa Reis / **Interpretação:** Gonçalo Waddington, Crista Alfaiate, Cláudio da Silva, Lang Khê Tran, Jorge Andrade, João Pedro Vaz, João Pedro, Teresa Madruga, Joana Bárcia, Diogo Dória, Jani Zhao, Manuela Couto, Américo Silva.

**Produção:** Uma Pedra no Sapato / **Produtor Executivo:** João Miller Guerra / **Direcção de Produção:** Catarina Alves / **Cópia:** DCP, versão original legendada em português, 128 minutos / Primeira apresentação em Portugal.

---

com a presença de Miguel Gomes

---

Este filme começou a desenhar-se nas vésperas do meu casamento. Andava a ler um livro de viagens de Somerset Maugham, *A Gentleman in the Parlour*. Em duas páginas deste livro, Maugham relatava o encontro com um inglês residente na Birmânia. Este tinha fugido da sua noiva pela Ásia fora antes de ser apanhado, iniciando um casamento feliz... No fundo tratava-se de uma anedota, jogando com estereótipos universais. A teimosia das mulheres vencida a cobardia dos homens.

O trajecto desta perseguição seguia a rota do *grand tour*. No início do século XX, o “*grand tour* asiático” denominava o percurso iniciado numa das grandes cidades do império britânico na Índia e que se estendia até ao Extremo-Oriente (China ou Japão). Muitos viajantes europeus fizeram o *grand tour* e vários deles escreveram livros sobre essa experiência. Partindo do conceito genérico do noivo em fuga pela rota do *grand tour*, decidimos não iniciar a escrita de argumento sem antes fazermos nós próprios o *grand tour*. Filmamos esse percurso em 2020, constituindo um “arquivo de viagem” antes de escrever o argumento. A escrita resultou do nosso confronto com essas imagens. Ao contrário do que normalmente se passa nos filmes que trabalham com imagens de arquivo, essas imagens não são do passado mas do presente. E o resto do filme, filmado com os actores em estúdio, em Lisboa e Roma, são o passado. A acção passa-se em 1918.

As duas personagens principais deste filme percorrem esse vasto território por razões complementares. Edward, o homem, foge da sua noiva Molly; e Molly, a mulher, persegue o seu noivo Edward. Ele tentando evitar ou pelo menos adiar o momento do matrimónio; ela tentando casar-se com Edward sem mais perdas de tempo. As inúmeras peripécias que decorrem dos movimentos de cada um deles são o filme. Espelham a interação virtual entre os dois, a sinfonia de um desencontro intermediado pelo surgimento dos outros e pela irrupção do mundo. Como nas comédias *screwball* americanas dos anos 30 ou 40, a mulher é a caçadora e o homem a presa. No entanto, ambas as personagens estão separadas no espaço e no tempo do filme. Uma mudança de perspectiva do masculino ao feminino leva a comédia a dar lugar ao melodrama.

Há vários *grand tours* neste filme. Há o trajecto geográfico que consta nas imagens da Ásia contemporânea, correspondente ao trajecto percorrido pelas personagens na Ásia imaginária construída em estúdio. Há o *grand tour* afectivo vivido de maneiras distintas por Edward e Molly: ambos estão em movimento nesse território sentimental não menos vasto do que aquele que percorrem fisicamente. E sobretudo há esse grandíssimo *tour* que une o que está separado - países, sexos, tempos, realidade e imaginário, mundo e cinema. É sobretudo para percorrer este último *grand tour* que quero convidar o espectador do filme. É para isto que serve o cinema, acho.

O que leram até aqui não o escrevi agora. Escrevi-o para o dossier de imprensa de GRAND TOUR no festival de Cannes, em Maio.

Nada mais tenho a acrescentar hoje sobre o filme.

Gostaria apenas de manifestar a minha satisfação pelo facto da primeira sessão pública de GRAND TOUR em Portugal decorrer na Cinemateca. É para mim um orgulho ter neste país uma Cinemateca assim. Nos últimos anos regresssei aqui em força, para rever ou descobrir muitos filmes. Não consigo medir o impacto que as horas passadas a ver esses filmes tiveram na invenção de GRAND TOUR. O cinema, a memória dos filmes em mim, não conta mais do que o resto da vida. Mas também não conta menos. Parece-me, portanto, lógico devolver ao ecrã da Cinemateca - digerido e transformado - o que eventualmente lhe retirei.

Miguel Gomes

Maio e Setembro de 2024